



3743 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT17 - Filosofia da Educação

O MODO DE PENSAR DAS CRIANÇAS: a visão do aluno sobre a sua rotina na sala de aula e as perspectivas para o pensar filosófico.
Caroliny Santos Lima - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
George Ribeiro Costa Homem - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
Rita de Cassia Oliveira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

O estudo aborda o modo de pensar das crianças, analisando a visão do aluno sobre a sua rotina na sala de aula, numa perspectiva do pensar filosófico. Objetivamos ouvir as vozes das crianças sobre o que pensam na perspectiva de formar um estudante que desenvolva uma educação para o pensar. Na intervenção pedagógica, para as análises e interpretações das vozes dos sujeitos, usamos os instrumentos de pesquisa do grupo focal. Assim, Filosofia é o espaço ideal para o desenvolvimento do pensar.

Palavras -chave: Filosofia. Pensar filosófico. Crianças.

O MODO DE PENSAR DAS CRIANÇAS: a visão do aluno sobre a sua rotina na sala de aula e as perspectivas para o pensar filosófico.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia desde o seu surgimento prezou pela busca de soluções bem fundamentadas para as perguntas que incomodam as pessoas; pois sempre tentou nutrir-se com a convicção de que as respostas encontradas deveriam ser tratadas como prováveis e não como absolutamente certas e acabadas.

Logo, a Filosofia não pode ser vista como um conjunto de conhecimentos prontos, acabados, fechados em si. Este conhecimento se importa mais com o levantamento de problemas relativos à vida e ao mundo e de uma tomada de posição diante do mundo, do que em dar respostas prontas e acabadas. Ela é uma forma de problematizar a realidade, procurando pensar os acontecimentos além da sua aparência imediata. Dessa forma, a Filosofia pode se voltar para qualquer objeto, pode pensar sobre a ciência, seus valores e seus métodos; pode pensar sobre religião, arte, o próprio homem em sua vida cotidiana, questionando os fundamentos da realidade, os processos históricos e as contradições e ações do ser humano.

Destacamos que, “não há como ensinar a pensar sem tensões incontornáveis” (KOHAN, 2011, p.9). Isso implica dizer que não podemos nos esquivar de perceber que os alunos, a partir das experiências que trazem de vida, parecem estar sugerindo sentidos significativos para o ato de ensinar. Assim, o que notamos é que a Filosofia está presente na fala das crianças, no movimento de um exercício de pensamento que busca abrir esse pensar ao ainda não pensado, isso significa dizer que o que se aprende na prática filosófica desses alunos muitas vezes se funde no espaço que a Filosofia abre para a própria voz da criança. Dito isso, após ouvirmos as crianças numa pesquisa por meio do grupo focal, ressaltamos que o papel da Filosofia é criar os sentidos da experiência pela reflexão, especialmente às questões relativas ao campo da aprendizagem escolar. “O que a filosofia pode fazer é oferecer ao estudante um sentido intelectual de orientação de modo que se possam abordar os temas do curso com maior segurança” (LIPMAN, 1994, p. 44).

2 O ATO DE PERGUNTAR

Nesse momento instigamos o ato de perguntar, e destacamos que:

As crianças começam a pensar filosoficamente quando começam a perguntar por quê? A pergunta “por quê?” é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. Normalmente atribuem-se duas funções principais a essa pergunta. A primeira é descobrir uma relação causal, e a segunda é determinar uma finalidade (LIPMAN, 1994, p. 85).

O que vemos nesse caminho do perguntar é uma dinâmica dialógica, uma vez que os alunos estão engajados em refletir sobre o assunto proposto e a todo o momento examinam e avaliam suas próprias falas e às dos colegas, a fim de evidenciar sua verdade ou apontar possíveis lacunas. É esse movimento que proporciona a elaboração conceitual.

Em suas falas, as crianças emitem e expressam um conjunto de questões que extrapolam o espaço específico da prática filosófica, nos convidando a pensar e delinear novos sentidos, sem necessariamente ter uma orientação de fundamentos firmes para a relação ensino/aprendizagem como um todo. Esse novo olhar, muito mais atento e sensível, nos convida a uma experiência em que o ensinar, o aprender e o filosofar com a infância, mais que um exercício possível, torna-se sua principal referência.

Sobre essas situações que surgem ao longo do caminho das situações escolares, Foucault (2006) acreditava que não é outra coisa senão buscar saber como poderia pensar diferentemente ao invés de validar o que já se sabe. De tal modo, não podemos deixar de perceber que os alunos, a partir de suas experiências, começam a dar sentidos significativos para o ato de pensar.

Quando nos deparamos com essas situações, recordamos que Sarmento (2004) aponta que a infância pronuncia uma palavra que não se entende. Para ele, a infância pensa um pensamento que não se pensa. Desse modo, o autor está nos dizendo que a infância é uma nova língua, outro lugar para ser e para pensar, para nós e para os outros.

Pudemos observar a necessidade de se repensar o paradigma padrão da educação, que visa à mera transmissão de conteúdo, onde o aluno não tem direito à fala, ou seja, a perguntar. Como destaca o estudioso Muraro (2012), é necessário quebrar com a prática onde os conhecimentos são ensinados como se não fossem ambíguos, nem equivocados e exaustivamente dominados por poucos, sendo o professor o detentor do conhecimento transmitido aos alunos que nada sabem, sendo assim, a autoridade máxima na sala de aula.

3 O QUE PENSAM AS CRIANÇAS

Para percebermos de que forma as crianças pensam, realizamos uma pesquisa, dividida em várias etapas na escola campo de pesquisa UEB Henrique de La Roque – Anexo: União de moradores, São Luis - MA. Para esse artigo, trouxemos as análises que realizamos por meio do grupo focal (entrevista) realizada com as crianças.

Logo após nos situarmos no campo de pesquisa, nos colocamos à disposição de ouvir o que os alunos pensam e esperam da escola; para tanto, realizamos o grupo focal como possibilidade de ouvi-las, uma vez que, elas têm voz e não são meros objetos, mas sujeitos da pesquisa. O processo de análise dos dados do grupo focal vai contemplar dois momentos complementares: análise específica do grupo e a análise cumulativa e comparativa do conjunto de respostas desse grupo.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizado, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (MORGAN, 1997).

O grupo focal permite selecionar sujeitos de características semelhantes e/ou diferentes para a discussão do tema, o qual oportunizará, por meio do trabalho interativo, a coleta do material discursivo. Para tanto, foram organizados diferentes grupos de crianças, agrupadas a partir de orientações que se apresentaram nas conversas com a professora titular da sala. A justificativa da escolha deste instrumento se dá com a intenção de propiciar um espaço para que todas as crianças participantes pudessem expor seus pensamentos referentes às aprendizagens e temáticas referentes ao pensar filosófico.

Sobre a necessidade de dar voz às crianças, Graue e Walsh (2003, p. 15), destacam a necessidade de a sociedade saber mais sobre o seu mundo, e assim destacam:

Receamos que o mundo esteja a tornar-se num lugar mais hostil para as crianças e que a sociedade em que vivemos não saiba o suficiente acerca das crianças nem se mostre interessada em saber o suficiente para as ajudar a negociarem o mundo. Uma sociedade que evita saber mais acerca das suas crianças tomou uma péssima decisão sobre suas prioridades.

Assim, para realizarmos a entrevista com crianças, o primeiro passo dado foi a negociação do processo da entrevista, com explicações aos alunos sobre como se daria, os objetivos, de que se tratava e a importância da participação deles para a pesquisa. Enfatizamos que as partes mais ricas das entrevistas com as crianças surgiram das conversas entre elas, enquanto discutiam sobre as perguntas que tinham sido feitas, e não necessariamente das respostas que tinham dado, pois percebemos que os alunos tinham grande preocupação em tentar dar as respostas certas, e nos diálogos entre eles modificavam ou mesmo interpretavam para darem as melhores respostas.

Dessa forma, realizamos a entrevista com os alunos seguindo o seguinte roteiro: Nome; Idade; Sexo; Com quem mora; Se prefere perguntar ou que façam as perguntas; Se na sala de aula encontra respostas para as suas perguntas. Para mantermos a identidade dos alunos preservada, os chamaremos por nomes fictícios. A entrevista foi feita com oito alunos de duas turmas. Obtivemos as seguintes observações desse diálogo com as crianças.

Das crianças entrevistadas, todas moram com a família. Um fato interessante sobre esse aspecto foi a constatação de que todas as crianças moram com famílias numerosas, sem exceção; moram com no mínimo cinco pessoas. Notamos, ainda, que as crianças são oriundas de famílias onde há a presença marcante dos avós na casa.

Notamos nessa pergunta, a revelação empolgada dos animais de estimação como membros da família; bastou a primeira criança falar do seu cachorro que todos fizeram questão de falar sobre seus animais de estimação. Os alunos ficaram alguns minutos conversando sobre a raça, o tamanho, características etc. dos seus animais, demonstraram muita empolgação nesse momento.

Outro ponto conversado no grupo focal foi sobre se as crianças preferirem perguntar ou responder às perguntas; todos, sem exceção, responderam que preferiam perguntar, então aproveitamos a oportunidade e perguntamos se na sala de aula eram eles que mais faziam as perguntas ou as professoras, e novamente todos responderam que a professora é que realizava todas as perguntas.

Após esse diálogo com as crianças, nos indagamos do porquê das crianças gostarem de fazer perguntas. Segundo Lipman, essas perguntas vêm do estado de confusão de experiência da criança: "A todo instante as crianças se deparam com acontecimentos confusos e enigmáticos" (LIPMAN, 1994, p. 55).

Portanto, observamos atentamente às conversas entre elas, e notamos a Bruna e a Maria lembrando que a: "tia nunca deixa a gente perguntar". O falar, o escutar, o inquietar-se e a criação, foram algumas das dimensões apontadas por eles como maneiras diferenciadas de se relacionar com o saber e de encaminhar o ato de aprender e ensinar.

Desse modo, percebemos que os alunos sentem necessidade de participarem mais das aulas de exporem seus pensamentos e principalmente de pensar sobre eles. É surpreendente verificar que as crianças ainda têm suas vozes silenciadas, e que percebem que a sala de aula nem sempre é o espaço, o lugar para se pensar e aprender diferente; um lugar em que se aprende e se ensina para os outros. Essas afirmações apontadas pelas crianças demonstram uma consciência muito além da passividade na aprendizagem, que desejam um ensino para além do centrado na aprendizagem do aluno.

Por fim, perguntamos aos alunos que tipo de pergunta eles gostariam de fazer em sala de aula, as respostas foram surpreendentes,

vejamos:

BRUNA: "eu queria perguntar como se aprende a língua dos cachorros"

MARIA: "eu queria saber quantos números são possíveis de se escrever"

LUCAS: "eu queria saber como se faz para conquistar uma garota"

ANA: "eu queria saber por que a casa tem que ser limpa todos os dias"

MATEUS: "eu queria saber se existe a língua cachorrês"

LUNA: "se o mundo um dia vai acabar"

SOFIA: "eu também queria aprender cachorrês"

PEDRO: "eu queria saber mais sobre garotas"

Um dos primeiros aspectos que observamos no conjunto das falas das crianças foi a ocorrência de perguntas simples e outras mais complexas. Como se pode ver, o destaque dos alunos não é necessariamente para definições usuais da aula; os alunos se questionam sobre muitas coisas que vão além do ensino e aprendizagem de uma habilidade ou de um conteúdo específico.

Uma temática que se repetiu entre os alunos e nos inquietou foi a vontade de entender ou conhecer sobre cachorros e a língua desse animal. A partir dessa percepção, fomos à busca de compreender de onde surgiu esse interesse, e em conversa com os alunos, observando-os, descobrimos que existia um "rap" (é um elemento da música e cultura hip hop) chamado cachorrês, que os alunos cantavam em alguns momentos pelos corredores e sala. Percebemos que os alunos demonstram interesses por questões que extrapolam a sala de aula.

Após esse diálogo, perguntamos às crianças o que eles haviam achado daquele momento de conversa, pudemos tirar conclusões, por meio de suas falas, de que as crianças se sentiram encorajadas a argumentarem sobre suas aprendizagens e queriam que realmente pudéssemos compreendê-las sobre seus reais interesses, nos pontuando curiosidades que elencavam fontes importantes de informações para serem gravadas e registradas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acordamos os dados obtidos com essa pesquisa, de que as aulas convencionais com espaços indiferenciados são cenários empobrecidos e tornam impossível ou dificultam seriamente uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança.

As crianças por muito tempo foram observadas em laboratórios ou simplesmente como matéria-prima para o desenvolvimento de teorias da aprendizagem e desenvolvimento. Com esta pesquisa, visamos fugir desse tipo de estudo que se distancia da criança; objetivamos, desde o princípio, dar vozes a elas, compreender o seu universo para assim poder ajudá-las a descobrir e a pensar sobre o mundo.

É interessante notar que essas considerações sobre a aprendizagem das crianças não concorrem para um conhecimento a mais sobre tantos que são aprendidos na escola, mas esclarece outras formas de registro do discurso pedagógico que enriquecem substantivamente a compreensão de seu lugar no mundo social que habitam. Assim, mais uma vez, as crianças se afirmam, pois o inquietar-se é, quem sabe, uma das marcas mais significativas de toda prática pedagógica que se preze.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teoria, método e ética. Trad. Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Sócrates e a Educação**: o enigma da Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia na sala de aula**. Trad. Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: SagePublications, 1997.

MURARO, Darcísio Natal. **A educação filosófica**: fundamentos e metodologia. Curitiba: IFEP, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coords.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto: Asa, 2004.